

(Música de abertura)

Mônica Francisco:

Olá! Esse é mais um Memória Viva com uma entrevistada muito importante. Nossa querida Cleonice Dias hoje conta para nós um pouco da sua história. Bom dia, Cleonice!

Cleonice Dias:

Bom dia, Mônica! Bom dia, Norma! Bom dia, Arthur! Bom dia, Gabriel! Um beijo para todo mundo que ver essa entrevista um dia (risos).

Mônica Francisco:

Cleo, seja muito bem vinda. É uma honra para mim estar aqui hoje fazendo esse papel de te entrevistar. Confesso que, assim, é uma emoção. Ai caramba!

Cleonice Dias:

Para mim também.

Mônica Francisco:

Bom, Cléo, é uma entrevista emocionante, porque eu acho que a gente vai ouvir a partir dessa história, das memórias, dessas memórias de luta, de dor, de alegria, de toda a sua vivência que atravessa também as nossas experiências de ser mulher. Sobretudo, de ser mulher de favela, que é muito singular na categoria mulheres. Eu queria que você começasse falando dessa experiência da mulher de São João Del Rey para a Cidade de Deus. Como é que foi a sua história? Quem é Cleonice?

Cleonice Dias:

Bom, Mônica, eu queria dizer que a minha emoção é grande de estar aqui. E eu já pensei que tinha encerrado a fase de dar entrevista (risos). Mas assim, acho importante porque a síntese de vida a gente não faz só da nossa, né? Faz coletiva.

Então eu tenho uma história assim. Eu estudei em São João Del Rey e como a adolescente pobre do interior, ela acompanha o mundo na retaguarda, ela não acompanha o que está na linha de

frente, nem do debate político e nem da vida social. A gente, quando é de uma família pobre, a gente fica sabendo das coisas do mesmo jeito que a gente usa a roupa da filha do doutor fulano, né? Você... você vive na retaguarda.

Eu descobri na adolescência que uma das formas que eu teria de sobreviver era estudar. Numa família em que não havia gente e mulheres estudando. Tinha homens. Numa sociedade interiorana e conservadora, que ser funcionário do Banco do Brasil era um objetivo. E eu fui criada nessa... dentro desse contexto conservador, um avô conservador, à direita na política, convivendo com os generais, né? E ele era pobre. Mas ele era muito bem articulado com esse pessoal porque ele ia caçar. Ele era um exímio caçador. Eu fui escolhendo não aceitar aquilo, mas intuitivamente estudar.

Então eu comecei a estudar e queria dizer uma coisa que, desde estudante, o princípio do grupo de estudo foi uma meta. Porque eu era ruim em matemática e inglês, era boa em português, história sem a geografia, e no grupo de estudo a gente ia se compensar.

Eu fiz teologia porque a igreja era o único lugar que a gente tinha para ir. Pobre... no interior... ou você foge de casa, vai para baile, não sei o que e tal... Eu não tinha como fugir. Eu era a filha mais velha, usada como modelo... eu ia para a igreja. Então eu fiz cursos na minha adolescência que só eu estava ali no meio de ex-padres, ex-freiras. Eu fiz teologia, fiz cristologia, doutrina social da Igreja, tudo sem ter direito a certificado, porque eu fazia para saber mais. Aí eu me engajei na Teologia da Libertação, certo? Então, quando eu fiz a teologia, eu fiz uma escolha pela Teologia da Libertação. E aí fui aprofundar a Teologia da Libertação. Isso aí eu já estava na faculdade, certo? É... Faculdade Religiosa salesiana e tal.

Então, assim, estudar, ter boas notas, ter boa projeção, liderar grupo para organizar estudo, estudar coletivamente, ser filha mais velha. Nesse ínterim, na minha família, a gente estava passando por um processo muito duro de passar pela falta de muita coisa, porque a estrutura da nossa família estava abalada e faltava dinheiro. A prioridade para o meu pai eram as pessoas que ele amava fora da família. Então eu comecei a trabalhar para ajudar minha mãe desde os 11 anos. Minha mãe teve um processo de loucura por causa da vida que ela levava, foi internada aqui no Rio de Janeiro. Eu, com 14 anos, cuidei dos meus irmãos na casa da minha avó. Então tem todo esse... acúmulo.

Encontrei um homem na faculdade quando a gente estava estudando, que era do Rio de Janeiro, que veio de São Paulo, e que estava fazendo complementação em filosofia. A gente conversou e se identificou: Teologia da Libertação e não sei o quê. Não é aquele amor de romance, sabe? É aquele amor de projeto de vida. A gente decidiu casar em um ano namorando por carta. Ele aqui no Rio de Janeiro e eu lá, e ele morava na Cidade de Deus. Então quando eu comecei a namorar, a gente tinha opção preferencial pelo pobre. Eu sabia que ia morar na cidade de Deus.

Mas eu fiz um trato com ele: “Eu quero ajudar minha família! Meu salário é todo para minha família! Se você concorda, a gente casa. Se não concordar, acabou.” Casei, fui morar na cidade de Deus. Menti para minha família. Falei para minha família que eu estava morando na Freguesia. Porque lá em Minas Gerais a Cidade de Deus era conhecida como o lugar mais perigoso no Rio de Janeiro.

Mônica Francisco:

Agora, Cleo, eu quero voltar para Minas Gerais. Eu quero que você me diga, olhando para sua infância... de quantos irmãos?

Cleonice Dias:

Nós somos 9.

Mônica Francisco:

Você é mais velha?

Cleonice Dias:

Eu sou a mais velha.

Mônica Francisco:

Assumindo o lugar da sua mãe...

Cleonice Dias:

E do meu pai.

Mônica Francisco:

E do seu pai. Qual é a sua memória mais forte da sua infância?

Cleonice Dias:

A memória mais forte da minha infância era a Irmandade, sabe? A Irmandade e por último, dessa irmandade acaba na família. Porque a gente tinha tios muito generosos com a nossa família por causa da minha mãe. Então eles eram muito cuidadosos quando a gente ficava doente. Você sabe como é que é a família de pobre que dorme tudo num quarto só? Gente, esse negócio de uma toalha para cada um não existia. Era uma toalha só até ela ficar molhada e o último tinha que torcer para secar. Essas coisas que acho que quase toda família pobre já passou, né?

Então o que eu queria dizer é que a Irmandade, sabe? Quando eu peguei sarampo, todo mundo pegava porque a gente estava junto. Então a gente vivia uma solidariedade, com brigas, com desavenças, mas o que era nosso era nosso... assim. Nosso amor, nossa vida, dividir comida. Eu queria te falar que a gente não passou fome como hoje existe essa fome. Porque o mineiro... a pobreza é diferente. Ela tem... vou dizer assim, entre aspas, tem uma dignidade.

Mas a gente ficou sem comer carne, sem comer doce, sem tomar leite. O tempo... e era só o básico. A mamãe mandava a gente comprar meio quilo de bofe, passava na máquina de moer, fazia um bofe tão gostoso e a gente comia com arroz... os irmãos todos juntinhos ali, sabe? Então, o que eu lembro da minha infância é irmandade.

Mônica Francisco:

Vocês brincavam?

Cleonice Dias:

A gente brincava. Porque, no início, a gente morava em casa de aluguel, que tinha quintal, que tinha fruta. Depois, com as dificuldades do meu pai, a gente foi morando de aluguel. Morando um tempo... indo para outra casa e cada vez era menor. Mas a gente brincava. A gente tinha muita criatividade. A mamãe era muito brava, distribuía tarefas para a gente trabalhar e quando ela saía, que ela dava as costas, a gente ia brincar. Sabe uma das coisas que a gente brincava? Porque o nosso universo também era esse. A gente ia celebrar missa. Então o biscoito era a hóstia, o

“Kisuco” era o vinho, todo mundo comungava junto e tudo. Brincava das coisas e depois ali brincava... ia brincar de “marido e mulher”... os irmãos, né. De família. A gente brincava de família, sabe?

Às vezes na cozinha, às vezes no quintal, às vezes indo para São Caetano, que os salesianos tinham os espaços, chamados “Espaços para a juventude.” A gente ia lá assistir o mesmo filme, “Marcelino, pão e vinho.” Eu acho que assisti umas 100 vezes esse filme porque era o único que passava. Você ia para lá, tinha brincadeira de jogar bola, tinha brincadeira de peteca. Então tinha essa coisa. Os irmãos juntos, sabe? Essa é a primeira força propulsora que eu tenho na minha vida.

Mônica Francisco:

Quem foi essa grande referência? Você poderia dizer? Você é uma mulher da luta. Você se reivindica como uma mulher do coletivo. Quem é a sua grande referência? A sua primeira grande referência na vida.

Cleonice Dias:

Na vida? Ai, a minha mãe. A minha mãe. Porque eu, hoje, eu olho para ela e fico pensando: se eu tivesse um décimo da força que a minha mãe teve, ela não teve os nove filhos ao mesmo tempo, mas ela foi aumentando... foi aumentando... porque ela não podia tomar anticoncepcional, porque a Igreja Católica... mamãe era católica apostólica romana. Não podia separar quando ela *desamava* meu pai porque a igreja é católica. Porque a família do meu avô... então ela foi aguentando tudo. E aguentando os filhos. E aguentando o desafio. E a gente era revoltado com ela. Eu cresci a minha adolescência batendo boca com a minha mãe. Aliás, a facilidade que eu tenho de falar hoje eu exercitei com a minha mãe.

Mas, com o tempo, eu fui olhando já... quando eu fui entendendo a luta, as questões da família, o quanto a mulher é importante, o quanto elas são o eixo, a base e o teto, né? É... eu tenho ela como referência de vida. Como referência da pessoa que aglutina para enfrentar junto. Levanta a cabeça. Levanta a cabeça! Amanhã é outro dia. Vamos à luta.

Mônica Francisco:

O centro da sua luta, da sua organização enquanto pessoa, referência de luta, professora, mulher é

a família e é, de alguma forma, a religião, né? Mas eu queria colocar a religião aqui como um lugar de perspectiva de mundo, uma forma de olhar o mundo olhando para você, ouvindo você, a gente percebe isso. E não é aquela religião dogmática de quem fez teologia. É alguém que, a partir dessas referências, olha o mundo e vive na coletividade. Queria que você falasse qual foi o marco da tua chegada nesse lugar. Da Cleonice Dias, essa mulher do coletivo na Cidade de Deus, “a favela mais perigosa do Rio de Janeiro”, que metia medo em meio mundo, como dizia minha mãe.

Cleonice Dias:

É. Vem de trás. vVem de trás. Por isso que memória é importante. Você faz a caminhada olhando também para trás. Quando eu fiz a Teologia da Libertação, eu fiz o “Livre”, o Curso Livre entre PhDs da Igreja. Mas eu estava ali, eu levava o pé no chão para esse curso e tal. O Evangelho de Jesus Cristo me politizou, sabe? Eu fui politizada pelo Evangelho. E aí a coisa mais forte que eu tenho é o projeto social de Jesus que consta do “Pai Nosso”. O Pai, que é nosso, do pão, que é nosso, do Reino, que é nosso, que nós temos que construir aqui e depois, né?

Então, eu captei isso como uma forma de dar sentido à vida. Quando eu olhei para a questão política, ela cabia dentro desse projeto maior. Que cabe mais do que as relações políticas, mas cabe a relação com a dignidade da pessoa humana, sabe? Com algo bem maior. Então, quando eu chego na Cidade de Deus, a minha militância começa na igreja e começa a serviço... porque eu tinha um pouco mais de estudo. Meu marido tinha filosofia, teologia, psicologia, né? Mas ele me ensinou uma coisa sem nunca dizer nada. Ele era um cara da Cidade de Deus. Ele não era mais do que ninguém. Aí, com ele... ele colocou, me ofereceu lá... Um dia lá, conversando com padre... “ela é professora e ela pode trabalhar.”

E eu fui trabalhar e me dei mal pra caramba! Me dei mal. Foi um vexame. Porque os moradores me enquadraram na primeira vez que eu fui falar, entendeu? Porque aí eu vou, falo... você tem sempre aquela coisa do Paulo Freire que diz o seguinte: você tem que pegar a situação mediada pelo mundo, né? Então, a realidade e a utopia. Aí eu... “como é que é o lixo e não sei quê”... eu não fiz isso. Eu não fiz isso. Eu esqueci Paulo Freire. E aí eu cheguei e falei: Bom gente, o lixo é um problema sério e a gente tem só que organizar. Isso... isso. Recolhe assim, põe no saco plástico e etc.

Aí o pessoal começou a rir. Começou a rir porque o caminhão não passava. Porque não recolhia nada. Era em 1976, entendeu? Antes não tinha espaço para colocar nada em cima da pia, para recolher nada. Entendeu e tal. E eles me deram um choque de realidade. Me deram um choque de realidade que foi fundamental na minha vida. Foi fundamental na minha vida. Aí eu fui escutar. Eu fui... falei pro meu marido. Falei para o padre. Falei “não posso ajudar. Eu tenho que ser ajudada primeiro.”

E aí inverteu o processo. Eu comecei a ir para a escuta, entendeu? E na escuta você descobre a dimensão da dignidade do ser humano. É... Mônica e companheiros: eu tive de cara com a maior pobreza que eu já podia imaginar no mundo. Porque a gente se achava pobre em Minas. E quando chega na Cidade de Deus, você tem gente com aqueles bichinhos mesmo no corpo ferido, jogado lá com uma lata de 20, que é o banheiro, entendeu? Que você joga na beira do rio, porque a pessoa mora na beira do rio e tudo. E aí eu fui primeiro compreender essa realidade, dessa pobreza extrema das pessoas que mesmo nesse lugar não perdem a dignidade. Que tem história, sabe? Que querem viver. Aquelas mães que estavam com os filhos sem ir para escola. Que não tinha o atendimento adequado. Que tomava cerveja no final de semana e que cantava.

Essas coisas foram me ensinando essa dimensão da dignidade. Eu tenho uma visão diferente, eu acho, de um aprendizado diferente, porque eu encontrei ressonância na Cidade de Deus. Celebrar a vida mesmo na desigualdade e na pobreza. E é isso que nos move, é essa força. E aí cada um... ele vai resistindo de um jeito. Aquele cara aceitou fazer... lavar a ferida, e depois ele foi para o posto médico. Ele não ia. Porque ele foi maltratado. Mas depois ele foi. A outra que não tem certidão, depois ela encontra o caminho. Aí leva os filhos para o Conselho Tutelar. Ainda não tinha conselho tutelar nessa época.

Mas assim, na Cidade de Deus, essa questão da subjetividade das pessoas, mas da dignidade do ser humano, a luta política, a luta comunitária, ela... ela se mistura. E tem gente que você lida o tempo todo, porque não vai a uma reunião comunitária, uma reunião política, não se envolve nada, mas ela está ali com você. “Aí, te ouvi na rádio. Legal! Muito bem! estou concordando com você”. Entendeu? É muito bom. “Vou lá. Vou levar uma poesia”. São vários tipos de envolvimento que você vai aprendendo a observar e você vai olhando.

Eu posso dizer assim, na Cidade de Deus tem um campo mais à esquerda que se articula

politicamente. Tem um campo progressista que se articula. Tem um campo da dignidade que vive. E tem uma miséria num entorno que existe e que resiste. Eu vejo resistência, não no exercício político de tá enfrentando as coisas. Eu vejo a resistência na vida, na forma de viver. Unta essa mãe com aquela mãe, aquela outra, leva as criança pra creche. Tem tiroteio, não sai. Então uma acolhe os outros pra mãe trabalhar, sabe? O cara tá desempregado, Tá faltando uma coisa, a gente vai... vai na igreja, pede a ajuda para cada pessoa, sabe? Tem uma resistência, que é pela vida. Essa, ela é muito mais ampla do que a participação política.

No entanto, a participação política, política partidária, tem que estar conectada com essa resistência. É pra isso que ela tem sentido. Você é a voz nessa voz que existe e que não tem espaço pra falar.

Mônica Francisco:

Me fala da sua primeira imagem quando você chega na Cidade de Deus. Chegou na Cidade de Deus. Primeiro dia. Qual é a imagem que está com você até agora?

Cleonice Dias:

A quantidade de pessoas pretas na rua andando o dia todo. A minha rua... eu era a única branca morando, e... a vizinhança foi me acolher porque meu marido era muito importante. Então, quando a gente chegou, tinha um pessoal na porta pra me acolher. E um portão grande e alto, porque estava na época do Mão Branca. Estava na época dos crimes nas comunidades.

Mônica Francisco:

Isso era 1970 e...?

Cleonice Dias:

1976. E aquele medo de sair, do Mão Branca matar... eu passei por tudo isso. De ficar fechada até meu marido chegar, com medo. Mão Branca era uma força da ditadura que atuava nas favelas e que era ameaçadora e... na Cidade de Deus, tudo que é de ameaçar na Cidade de Deus aí é exagero, porque o pessoal é muito, muito, muito absoluto, sabe? Muito. Então é todo mundo muito convencido do que é, sabe? E hoje eu tenho percebido que os negros ainda tem mais força do que os brancos. É impressionante como é que houve uma virada na consciência, sabe? Da... não chamo

de negritude, não. A consciência crítica do negro, mesmo. Do seu lugar. Hoje a gente sente essa força.

Mônica Francisco:

Então você chega nesse território...

Cleonice Dias:

E você vê o que eu passei. Eu não consigo ficar lá. Eu vou de lá pra cá.

Mônica Francisco:

Não. Mas tá maravilhoso. Acho que está maravilhoso. Tá perfeito. Porque esse é um exercício, né? A gente já ouviu falar, quem está assistindo a gente também deve ter ouvido... se não ouviu falar, vai ouvir agora, da filosofia africana que fala do Sankofa, aquele pássaro que nos ensina a olhar para trás pra caminhar com mais firmeza e melhores condições. Então você faz isso... esse passeio. Porque isso a vida da gente não é linear, né. Ela vai, ela volta.

Então, nessa ida lá pra cidade desde 1976, quando você chega e vê aquela massa negra única, branca da rua... você traz essa consciência de ser racializada, de lidar com essas pessoas naquele lugar de uma favela convencida... eu queria que você falasse disso porque é essa favela convencida de si. Convencida de quê? E qual é a sua grande referência nesse lugar. Nesse território que tem essa miséria extrema... essa negritude, mas que tem... você retomou uma palavra: dignidade. Que tem uma pobreza e que também tem dignidade lá, como a pobreza de São João Del Rey. Quem foi essa grande referência nesse território? Com tudo isso, com todos esses elementos que você traçou. Com medo de Mão Branca, né? Que é o primórdio das milícias, né.

Cleonice Dias:

Mônica, tem uma situação assim... na minha vida. Eu casei. Fiquei grávida. Meu marido morreu quando meu filho tinha dois meses. Então eu fiquei viúva com 23 anos. É... cheguei... assim que eu cheguei na cidade de Deus, eu engravidei e eu fiquei com o Paulo César nos braços, meus vizinhos me pediram pra não ir pra Minas, pra ficar lá, que eles ajudariam criar meu filho e ajudaram. Muito.

E... eu fui buscar a justiça gratuita para fazer inventário. Essa coisa de mineira... tudo certinho? Eu tinha isso. Aí eu fui buscar a Justiça gratuita para fazer o inventário e descobri que a minha casa não existia. Eu estava numa casa, é... geminada, num terreno que era da prefeitura e uma construção que era da Sehab, do Estado. Eu estava num lugar com três donos onde eu morava, que eu não era nada.

Mônica Francisco:

Sehab era a Secretaria de Habitação.

Cleonice Dias:

Secretaria de Habitação do Estado do Rio de Janeiro. E aí eu fui buscar o Conselho de Moradores da Cidade de Deus que o meu marido havia feito parte. Então eu era só a parte da pastoral, trabalhando só a parte da consciência crítica na Igreja, fé e política, entendeu? Minha fala na Igreja, em todos os lugares, sempre foi fé e política. E aí eu caio no Conselho de Moradores da Cidade de Deus, que existia desde 1968. A Cidade de Deus começou em 66. O conselho de moradores surgiu em 68 com representantes de todas as quadras e que discutiam as políticas públicas e que reivindicava mais. Mais no sentido do direito da comunidade.

Então, quando eu caio no Conselho de moradores da Cidade de Deus, eu sou levada a envolver meus vizinhos. Eu aprendi que os meus vizinhos tinham que ser informados. Ali descobri que tinham 40 quadras na Cidade de Deus da mesma forma. Então eu comecei. E aí eu estava daqui a pouco na luta da coordenação de habitação, depois saúde, depois educação e tal. Daqui quatro anos eu já era presidente do Conselho de Moradores da Cidade de Deus.

Quem me esperou na Cidade de Deus? Quem é a minha inspiração? O coletivo do Conselho de Moradores da Cidade de Deus e as pastorais. Não tem uma pessoa. É o todo. É a força do coletivo, entendeu? Eles é que me inspiraram e eles que me levaram para essa luta. E aí você aprende a separar, sabe? Eu tinha a Teologia da Libertação e uma utopia de uma nova sociedade. Até uma certa época, a gente não falava de socialismo. A Igreja falava “O Reino.” O reino, né? Aí você entra no ComoCid... tem gente da esquerda, tem gente que quer a liderança da favela, que era da esquerda, entendeu? E eu tive a realidade de uma outra possibilidade de pensar.

Então, como é que eu vou ser e o que eu aprendi? Olha, tem uma utopia que é o socialismo. Nós estamos saindo da ditadura, que é um lado muito ruim e... duro, né? Do autoritarismo, da falta de poder, da cassação da voz dos trabalhadores. Era assim que a gente conversava lá. Por outro lado, existem pequenas vitórias que a gente precisa acumular para que as pessoas compreendam que luta nós estamos fazendo. Era essa a síntese do ComoCid, entendeu? O ComoCid não trabalhava fazendo reivindicação por escrito. Não mandava coisa para o governo através de documento, que era muito comum na época você fazer o registro de uma demanda, entregar e protocolar na Secretaria de Governo. O ComoCid dizia o seguinte: a luta tem que levar as pessoas a compreender uma utopia. Essa, e as pequenas vitórias, tem que ser acúmulo de uma caminhada onde as pessoas acreditem em si mesmas.

Por isso que eu falo que a Cidade de Deus tem essa coisa, sabe? Da... de uma autoestima... de afirmação... de abuso. Tem gente na Cidade de Deus que assim... é abusada (risos). Sabe que é pobre, sabe que lá é segregado, sabe que é desigual. A gente viu a Barra da Tijuca crescer com a nossa mão de obra. A gente sabe que o Recreio dos Bandeirantes recebeu todo o dinheiro agora para alavancar o crescimento e nós estamos lá segregados. Mas a gente sabe que é importante, que é organizado... a gente tem conquistas. Tem artistas na Cidade de Deus que se projetaram para o mundo inteiro, entendeu? Tem também os jogadores de futebol que se projetaram para o mundo. Tem o samba da Cidade de Deus, que perpassa por todas as escolas de samba. Mas educadores, estudantes da Cidade de Deus estão dando aula hoje nas universidades. Entendeu? A pobreza está lá. Se você falar assim “Mudou muito?” Mudou como mudou para todo mundo. Aquilo que melhorou porque não dava para continuar do jeito que está.

Existe uma desigualdade dentro da Cidade de Deus ainda. Existe uma maioria que não se envolve, né? Que o que elas têm de luta é viver e sobreviver. Existe um arcabouço muito maior de compreensão da luta na Cidade de Deus, da resistência e da resiliência. Porque tem grupos que passa da resistência e passa a propor novas formas de organização, de luta, de conquista, né? Então eu acho que tem tudo isso. Então você conversa com algumas pessoas na Cidade de Deus, elas têm altivez, sabe? Altivez. Isso é uma marca muito importante.

Mônica Francisco:

Bom, depois de a gente respirar profundamente para continuar essa entrevista emocionante, de

muitas referências, de ir e voltar. Porque a história da gente não é linear, né? Como tudo. A gente está falando de referência, a sua referência coletiva no Conselho Comunitário da Cidade de Deus, e desse momento de conexão do que a gente chama dentro e fora. E aí você fala que a Cidade de Deus, ela não é resistente à relação... o “nós por nós” da Cidade de Deus é diferente. É um “nós por nós” que acolhe com a sua postura de protagonismo até a academia. Eu tô falando até academia, porque a gente, durante muito tempo, viu muita resistência da favela em relação a academia e por muitos motivos. Aqui não é um momento de juízo, de valor e nem para isso.

Mas eu queria que você falasse um pouco dessa experiência do “dentro-fora”, das conexões com as ONGs, com as instituições. Você falou da Fiocruz, dos sanitaristas, dos médicos, da academia, da discussão urbana. Como é que essa relação pra fora? E eu queria que você falasse já também delegando essa resposta, Cleo, é... as suas viagens, as suas conexões, que foram se ampliando, que não eram só suas, eram o coletivo também indo com você.

Cleonice Dias:

Queria falar com relação a academia: por que a gente tinha uma caminhada assim... que foi construída? Nós éramos insatisfeitos com a forma com que a academia nos transformava em objeto. Nós não éramos ingênuos. E quando eu digo “nós”, eu estou me referindo a um campo na Cidade de Deus, que não é só a esquerda, que tem a ver com pastoral e que tem a ver com progressistas e gente organizada. Mas tem também... eu não posso falar que toda a cidade de Deus.

Mas eu queria te dizer que, no nosso grupo de jovens, tinha um grupo que fez a pesquisa para Alba Zaluar. Então eles foram estudantes que fizeram pesquisa para Alba Zaluar e tiveram desentendimentos e disputas com ela. Principalmente porque ela não reconhecia co-autoria dos jovens da Cidade de Deus que faziam entrevistas e ajudavam na interpretação, ajudavam no que estava sendo concluído. E aí o nome deles não aparecia. Quando muito aparecia. E essa contradição fez com todas as vezes que a gente se aproximasse da academia, a gente estabelecesse nossos objetivos.

“Vamos fazer pesquisa?” E eu fui do CEAC, que é o Centro de Ações Culturais de Cidadania, uma ONG. E o CEAC acolhia, como era um centro de estudo, acolhia a pesquisadores, que era no centro da Cidade de Deus. Toda vez que a gente acolhia, a gente falava: primeiro princípio, dar o

retorno para a comunidade. Segundo princípio: a gente quer saber da metodologia. Terceiro: a gente quer gente nossa participando. Para a gente aprender, para a gente dominar, entendeu? Não tinha nenhum doutor ali para fazer nenhuma pesquisa. Mas a gente fez pesquisas nossas, a partir do que a gente aprendeu com Machado, aprendeu com a Rosana Hering, aprendeu com outras universidades. A UFRJ... a UERJ.

O princípio era: nós vamos fazer parte da equipe. Isso o CEAC. Quando a gente organizou o Comitê Comunitário, era o Comitê Comunitário que tinha que participar. E primeiro, o retorno tem que ser debatido com a gente, entendeu? Então, isso é uma postura já mais incisiva de não ser apenas objeto. Então, é nesse sentido. Mas a gente foi feito de objeto durante muito tempo.

Agora, as conexões para fora. Assim... teve um momento na Cidade de Deus, e eu estava presente nesse momento que é o seguinte: eu estava, eu era do conselho de uma Folia de Reis na Cidade de Deus e o Seu João, que era o pai de santo, que era o presidente, recebeu o presidente que eu já citei o nome dele que não vou repetir da Associação com o grupo de jovens artistas da Cidade de Deus, cineastas, e ele trouxe, em 1990, no início da década de 90, um recado de Bangu (risos)... que quem ia concorrer a associação de moradores era o pessoal apoiado, certo? Nessa mensagem cifrada, eu volto daquela reunião, converso com o seu João depois que o pessoal vai embora e digo: Seu João, isso aqui é um divisor de águas na Cidade de Deus. A partir de hoje tem uma força disputando com a gente. E essa força não representa o que nós somos. Então, a partir de hoje eu não me candidato mais.

E aí, conversando com as outras pessoas, ONGs foram criadas na Cidade de Deus, não com aquele objetivo de receber dinheiro para substituir o Estado, mas para ter espaço para os movimentos sociais. Para ter espaço. Porque a gente estaria competindo com outras forças. E aí, nessa coisa da ONG, tem um aprendizado muito sério que é muito importante. Porque você não pode trabalhar com toda a comunidade. A ONG, ela tem um financiamento para um determinado objetivo. Então você tem que aprender a planejar entre a demanda, a realidade e a utopia. Como é que você vai fazer isso? E no dia a dia o que que a gente aprendia?: A nossa utopia é a comunidade toda. É a comunidade toda na esperança de uma transformação. Então, como é que a gente vai irradiar o nosso trabalho, né? Então a gente escolhia datas. Por exemplo: o CEAC tinha o dia de Zumbi, o dia 20, como o dia mais importante da nossa aglutinação. Então a gente trabalhava para concentrar

forças para trabalhar Zumbi e mulheres negras, entendeu?

Nesse momento em que a gente está no mundo das ONG, a gente também começa a viajar. Certo? Como eu era uma pessoa de tradução e escriba, desde que eu entrei na Cidade de Deus, o meu papel era escrever e escrever. Por isso que eu tenho domínio das informações para escrever tudo, tudo, tudo o que acontecia... processo. Eu não faço uma síntese e encaminhamento. Eu escrevia tudo: Fulano falou isso, Fulano falou aquilo... conclusão isso. Tudo. E comecei a ser também a pessoa que falava. Eu fui votada durante 11 anos para ser porta-voz, né? A gente quando ia para uma reunião, as pessoas definiam... a gente definia. A gente vai discutir com o governo, mas a gente sabe que o governo não vai nos atender, mas a gente vai, vai como orador, porque ele tem que aprender. Ele vai aprender com a gente. Porque a gente vai sair desse papel. E ele estando lá e aprendendo, ele vai tomar a frente.

Então, tudo isso a gente fez. Com esse processo, alguns de nós ia representar a Cidade de Deus em outras articulações. Então nós fomos para articulações de outras ONGs. Foi assim que o Ibase entrou. É assim que, lá na Cidade de Deus, teve gente que foi para ação da cidadania. Geralmente o pessoal da igreja... aí já vai para ação da cidadania. E a gente se divide. Tem a questão da arte e da cultura, que é muito forte, que tem um grupo que vai se articular. Nós temos artistas famosos que organizaram e participaram de movimentos. E eu fui em alguns momentos escolhida para representar. E o CEAC para representar a Cidade de Deus.

O Ibase decidiu doar um ônibus fretado para a gente levar os jovens da Cidade de Deus para o Fórum Social Mundial. O Ibase decidiu isso. Eu voltei e fui convencer o CEAC que não devia ir os jovens da Cidade de Deus. Deviam ir os que estão na luta há muitos anos e nunca tiveram a possibilidade de participar de uma articulação. Então você convence aqui e depois você vai fazer a proposta para a comunidade. Nós levamos 45 moradores da Cidade de Deus que estavam na luta. Deu o *ó do borogodó* na Cidade de Deus, porque voltou todo mundo com a cabeça mudada, entendeu? Voltou todo mundo entendendo as conexões que existem no mundo. Não pelo discurso. É pela compreensão. E é bem diferente isso. Porque transformar pelo discurso, pela leitura, nem todo mundo alcança da mesma forma. Tem muito da interpretação. Mas quando você viaja, você vislumbra que tem uma luta transnacional por causa de um sistema de dominação, mas que existe esperança, isso fica concreto.

Então essas articulações que foram feitas coletivamente ou individualmente, cada um que ia viajar tinha que voltar e dar um retorno. Elas serviram muito para situar a Cidade de Deus como espaço no universo, sabe? É muita pretensão, né(risos)? E eu aprendi lá essas coisas com a dona Raimunda, com o Sérgio, com o Adauto, com a Iara, com o Carlos, com Zélia, com Liliane, com Edna, com o escambau a quatro de gente organizada, muito mais mulheres do que homens, que o território onde a gente está é o lugar no mundo onde a gente precisa transformar. Então você ir para a África, você pode ir para o Paraná ver uma cidade que o Jaime Berna estava fazendo uma proposta diferente. Você pode ir na Bahia, nos fóruns de desenvolvimento local, mas é na Cidade de Deus que está o lugar do nosso enfrentamento, da nossa luta, da nossa festa, da nossa dignidade. Quando eu falo em dignidade, eu estou trazendo a dimensão religiosa dos seres humanos, independente da religião ou não-religião que tenha. Estamos juntos no processo de humanidade.

Mônica Francisco:

Então é nesse momento que você se entende uma liderança?

Cleonice Dias:

Não (risos).

Mônica Francisco:

Você é uma liderança?

Cleonice Dias:

Não (risos). Mas eu não aprendi isso sozinha. Não. Eu aprendi isso sozinha, não. Na década de 70, na Cidade de Deus, o pessoal já não aceitava ser chamado de liderança e o discurso era muito... direto.

Mônica Francisco:

Por quê?

Cleonice Dias:

Liderança tem liderado. Se liderança tem liderado, isso aí significa a reprodução de um processo

de dominação. Porque com certeza ele tem mais conhecimento e ele vai conduzir as pessoas. E se ele faz isso, há a possibilidade das pessoas interpretarem a partir só da liderança. Então eu aprendi na Cidade de Deus que a gente podia, quando muito, ser referência. Quando muito. Mas o melhor mesmo é você estar ali no grupo. É você estar no coletivo.

Mônica Francisco:

Ser parte.

Cleonice Dias:

Você estar dentro. Agora, tem uma coisa que a gente também não pode negar: como eu tenho um conhecimento de anos de anotação e de documentação das coisas na Cidade de Deus, eu também tenho uma responsabilidade maior, entendeu? Então, se as pessoas me pedem as informações, eu tenho obrigação de colocar, sabe? Eu não posso segurar e falar “Não, eu vou escrever um livro daqui a pouco.” Eu não vou poder dividir. Então tem uma outra postura também que eu chamo de essa abertura, né, ampla. Você participa e é a serviço. Isso tem a ver com a religião, com o amor ágape de Jesus Cristo, onde você está de braços abertos. Então, assim, eu tenho a dimensão religiosa. Há muitos anos que eu não vou à missa, que não frequento igreja, que eu não estou na igreja. Mas esse espírito, sabe, da construção da dignidade da humanidade, eu tenho.

Mônica Francisco:

Eu queria que você falasse um pouquinho de várias dimensões que estão presentes nessa conversa que está acontecendo aqui, né? Eu estou assim, cada vez mais emocionada, te ouvindo e reconhecendo o referencial que você vai se tornando desde São João Del Rey até agora, aqui, nessa nossa conversa. Mas eu queria que você falasse nessas idas e vindas, dessa história, dessa trajetória, de toda essa jornada sobre cultura.

Você falou um pouco do samba, do quanto a Cidade de Deus, ela está presente em cada escola de samba... artistas... muita gente do esporte. Fala um pouquinho, indo e chegando até os dias atuais da cultura, da arte. Tem um momento importante que atravessa a Cidade de Deus, que é o filme. Então eu queria que você falasse um pouquinho dessa questão cultural, do que mudou, do que ainda está presente, das manifestações que falou da Folia de Reis. Queria que a gente caminhasse nesse tema.

Cleonice Dias:

Caramba! Esse é o tema mais complicado (risos). E esse é mais complicado porque a cultura, eu acho que é um conceito em disputa, né? Que é o seguinte... de Minas eu trago essa coisa da cidade cultural, conservadora, religiosa, onde nós, os pobres, íamos assistir à opereta no Teatro Municipal, porque as peças e a ópera e a orquestra sinfônica eram feitas por pessoas pobres, na sua maioria negras. Então, embora fosse algo clássico, produzido por pessoas pobres e negras, tinha o requinte de uma cultura produzida, né? E a gente aprendeu que cultura era isso. Você assistir algo cultural.

Na Cidade de Deus, com a convivência com artistas e com as festas, né... Eu fui aprendendo, e quando eu falo “eu fui”, também todos nós, manifestação artística que traz cultura, mas cultura é a identidade. Cultura é a construção da identidade que você tem. Então, cultura pode ser tudo. Você tem uma cultura de dominação que usa a comunicação para passar valores. Você tem a cultura da resistência de uma outra possibilidade que você também tem que comunicar. Só que a desigualdade de possibilidades da comunicação de quem domina é muito maior do que de quem é dominado ou de quem é pobre, de quem está na resistência.

Qual é a forma, então, de pegar o conceito de cultura e arte e transformar isso numa forma de convencer as pessoas? É fazendo festa, certo? É fazendo festa. Então é fazer a festa, produzir festas na rua, grandes bilhões. Aí você tem o funk como uma tradução da força da favela. A gente não tinha o funk, no início, como música de preto. Era uma música de resistência da pobreza para fugir do sufoco. Aquele sufoco que tava pegando aqui. E o funk, ele respondia com toda a sensualidade abusiva, no sentido de dizer assim “olha que sociedade, que falsidade é essa, porra? Que negócio é esse? A gente está vivendo aqui, ó, desse jeito.” Então tinha esse momento.

Aí veio o hip hop. Veio o hip hop já com uma outra questão: “não, a consciência. Nós temos que ter consciência, a consciência negra, a consciência de classe, né?” O funk começa a ter um diálogo com essa força, tendo o samba como base. Lá na Cidade de Deus a gente consegue enxergar direitinho esse espraiamento, porque aí o artista também vai pra fora. E a Dona Globo tem o cuidado de captar toda essa força para poder canalizar como força de dominação e não força de expansão da resistência.

A gente acompanha tudo isso. No dia em que o MV Bill apareceu na Rede Globo, a gente disse

“já era.” Nós fizemos uma reunião e a gente comentou: “Já era. Ele já foi cooptado”, né? Agora, o filme Cidade de Deus, Mônica, eu escutei o Paulo Lins sentado fazendo o projeto para apresentar para o CNPq. Porque o Paulo Lins era do grupo de estudo. A ex mulher dele, que hoje é professora de história na UERJ, era do grupo de estudo. Eles foram da equipe da Alba Zaluar. Ele então fez um projeto pro CNPq e conseguiu o financiamento. E a minha casa era na ponta da Cidade de Deus, entre a Cidade de Deus e os apartamentos. O Paulo Lins todo dia fazia uma entrevista, passava na minha casa, eu o via e ele ia pra casa naqueles bloquinhos, sabe? Que ele anotava tudo ali. Eu acompanhei todo o processo.

Aí ele escreveu o livro e o livro foi comprado pela Rede Globo e eles transformaram o livro numa síntese que prejudicou muito a Cidade de Deus. Por quê? Porque eles fizeram... dividiram cada personagem em quatro. Eles aglutinaram em cada personagem quatro histórias. E isso potencializava a violência. E quando o filme saiu, a única pessoa do grupo que conseguiu compreender o Paulo Lins, porque o livro dele tinha 600 páginas e o filme não foi feito por ele, foi sintetizado, é... eu consegui compreender que era um processo que, depois que ele vendeu os direitos, eu não sei se ele podia interferir. Então eu entendi.

Ele foi processado 11 vezes por 11 personagens do filme (risos). E ele conseguiu estar livre desse processo porque ele mostrava o que tinha no filme e o que tinha no livro. E eu acompanhei o processo. Porque eu vivi a época do filme. Então, o filme teve uma repercussão negativa para dentro da Cidade de Deus e para as pessoas entenderem o processo era preciso conversar. Mas sabe quando as pessoas falam assim “Nossa, outra vez vem essa coisa... essa onda de de ter vergonha. Se a pessoa ficar sabendo que é da cidade de Deus, não vai dar emprego por causa do filme?” Se você tiver numa loja e for na cidade de Deus, o guarda vem te vigiar, sabe? Se você pegar um ônibus, vai para o centro da cidade e é da Cidade de Deus fica todo mundo...

Quando a gente foi ver o filme, que nós somos convidados, então vários... várias pessoas da Cidade de Deus, de várias instituições, foram lá para a Barra da Tijuca, o que o pessoal ria e dava gargalhada, a gente só chorava, sabe? Foi um chororô. Porque as contradições que o filme trazia, não da violência, mas o quanto a comunidade era violentada por um poder público que nunca investiu estruturalmente, que fazia obras mal acabadas, sem nenhum tipo de sustentabilidade, né...que só iam lá fazer o interesse dos partidos políticos deles que estavam no governo... de saber

que ali era um estoque de mão de obra barata para a zona Oeste, que estava crescendo... de ter o entendimento que aquilo ali é reserva de terra, que um dia pode sair se tiver um interesse muito forte da especulação imobiliária e da classe dominante. Então é tudo isso que vem no bojo do filme. E saber que a gente tem que fortalecer.

Ele já passou. Ele continua fazendo sucesso. E o Paulo Lins se afastou da Cidade de Deus. Teve que afastar porque ficou em septo e muita gente aproveitou para atacá-lo e dizer que ele estava vendendo a Cidade de Deus como um lugar violento. E a gente tem que ter muita coragem para dizer “Olha, tem uma violência na Cidade de Deus, que é a resposta do que a gente vive, que tem em qualquer comunidade.” Que tem em qualquer comunidade, qualquer lugar em que a juventude não tem perspectiva nenhuma. O tráfico internacional prega. Mas para ele poder ter a força de controle naquele território, ele tem que armar aquelas pessoas para que elas possam dominar a comunidade para não atrapalhar o negócio. Entendeu?

Então, assim, o filme foi um exercício. Doeu. Mas eu não conseguia ter raiva do Paulo Lins, até por cumplicidade. Eu ouvi tudo que ele tinha falado. Mas essa questão de ser, por exemplo, agora, né... que tem essa coisa da milícia lá em Jacarepaguá com o tráfico, vira e mexe eles dizem que deixar o carro na Cidade de Deus. Quando vai ver a reportagem, é lá no Gardênia. Não é na Cidade de Deus, é coisa da milícia. Mas a primeira reportagem que a Globo faz, ela debita na conta da Cidade de Deus. Porque falar isso é o natural, entendeu? As pessoas realmente são violentas.

Aí eu vou retomar novamente: sabe como é que as mulheres andam na Cidade de Deus, na sua maioria? Tudo peitudas. Sabe como é que atravessa a rua? Essa é uma postura construída de altivez, que vem de um arcabouço do movimento negro ter afirmado os negros como fundamentais na construção do nosso país. Lá, nós tínhamos conexão com o movimento negro. O Adauto foi uma liderança que aglutinou uma liderança do movimento negro. Aí sim, porque iria buscar e tal, trazer e tinha uma discussão sobre os negros ligado ao Agbara Dudu, que era um grupo radical. Não dava mole, não.

Eu tive numa festa na Cidade de Deus, que o Agbara Dudu, eu era a única branca. E eles foram fazendo enfrentamento com a questão do branco, que eu fui me afastando. Chegou uma hora que eu estava lá no fundo, que eu falei assim “Meu Deus, o que é que eu faço? Para onde eu vou? Tô

na parede”. Por quê?. Mas eu não me via como negra. Quer dizer, como branca. Eu dizia que eu era negra. Eu sempre disse isso. Qualquer lugar que vocês veem a minha gravação, eu digo assim: “Nós, os jovens negros... nós, as mulheres negras”, sempre dizia isso.

Recentemente, na campanha do Lula, eu fui um dia lá na Cidade de Deus desse estar com o menino que veio da Bahia, que estava na cidade de Deus e se sentia mais cidade de Deus do que eu, sentou e falou assim: “venha cá, minha Nêga, senta aqui, vamos conversar.” Ele estava lá em casa aquele dia... “Vamos conversar. Tu não é negra, não. Não adianta falar. Não vem tirar onda na nossa luta (risos). Agora, nós contamos com a sua cumplicidade na luta. Mas se você falar que é negra, tem uma porção de atravessamentos de gente que vai pegar a vaga, sabe.. que é aberto para o negro. Porque ela disse que é negra... você pode se autodenominar, se autodeclarar. Então, seja branca. Que reflita a branquitude e que seja articulada com a nossa luta e cúmplice. Não é solidária, não. E cúmplice. Faça a nossa luta em qualquer lugar que você estiver. Mas você, querida, está desautorizada a falar que é negra.”

E eu fui pra casa. Doe. Primeiro eu falei: “Que abuso!” Depois eu recolhi essa questão e eu acho que é um aprendizado, sabe? É um aprendizado. Porque não me disse mentiras? Ele falou a verdade. E aí eu pude entender qual é o nosso papel. Nós, brancos, durante anos assumimos o lugar de comando, de mando, de liderança, de estar na frente, de dar aula, de falar e falar dos negros. Quantas vezes a gente deu voz para que eles pudessem falar para a gente, invertendo o papel?

Então, eu, hoje critico... e você já ouviu eu fazendo isso, o fato de eu ter sido indicada há 11 anos para ser porta-voz numa comunidade 90% negra. Eu não devia ter aceitado nunca. Nunca. Se eu tivesse a consciência que eu tenho hoje. Eu achava que o pessoal estava me reconhecendo como uma pessoa da... entendeu? E eu sou a cidade de Deus até o fundo da minha alma. Até o fundo da minha alma. Mas eu percebo que algumas pessoas não me identificam nunca nesse sentido. E hoje, com esse papo de raiz, eu não sou Cidade de Deus porque eu não sou raiz, entendeu? E eu digo para os meninos, às vezes, só pra provocar: “Tem raiz tão pequenininha (risos).

Mônica Francisco:

É a história do Cria, a cria e a criança.

Cleonice Dias:

Aí eu disse pra ele: ó, tem muita raiz que assim (faz sinal de pequeno com os dedos), então não dá (risos). Então eu consigo conviver com vocês, me deixa aqui (risos).”

Mônica Francisco:

Cleo, eu queria que você voltasse na coisa da cultura. assim. Quando você chega na Cidade de Deus, quais são as manifestações que você enxerga? Não quero continuar no filme, não. Mas o filme mostra... saindo desse lugar que impactou negativamente em tudo isso que você já falou... Tem lá o baile, né? Tudo bonito, cheiroso no baile. Mas quais eram as manifestações assim? O que continua até hoje? Já emendando, quais são as grandes transformações que aconteceram na organização, na luta coletiva ou não, na Cidade de Deus? De lá pra cá?

Cleonice Dias:

Olha, tinha.. tem a coisa da diversão, sabe? A diversão... Tem festas que eram de identidade, de afirmação da identidade. Tem festas religiosas de afirmação da identidade. Tem o carnaval. Você sabe que teve um ano na escola de samba, que o tema do carnaval seria Refavela, que era um conceito novo que a gente estava organizando a partir da música do Gilberto Gil. Dois dos nossos participantes, que eram Vilarinho e Pablo, eles defenderam o que era a Refavela: um conjunto habitacional Tá, tá, tá, tá, tá, tá, tá... que virou Refavela.

Que é isso que nos cabe nesse latifúndio, na disputa pela cidade. Qualquer proposta para melhorar acaba caindo na estrutura de favela, de abandono, de não investimento, de terra estocada para a especulação. Então teve um ano que a escola de samba ia sair esse tema. Mas aí teve um chavão danado e não pôde, mas saiu lá o surdo da comunidade e o tema.

Mas assim... A Cidade de Deus tinha muita festa que eu chamo de afirmação, sabe? De acolhimento e de... eu não posso usar a palavra que eu... que eu falo. Ontem me chamaram a atenção. Que é de “contaminar”. Doença não contamina e passa uma porção de vezes? Coisa boa também pode contaminar, no bom sentido. Então, é... existiam bailes, bares de festejar, né? Existiam as festas dos clubes de futebol que quando ganhavam virava baile. Existiam as Folias de Reis. Não era só uma, mas haviam outras na Cidade de Deus Mais e eu participava da mais tradicional como conselheira. E havia a rádio comunitária, na época do Fernando Henrique, que fez uma oposição musical.

Nós criamos uma possibilidade, através do repertório... da forma com que a gente organizou o repertório Musical, para criar a ambiência do debate político de oposição. Então tinha programa do hip hop, tinha programa de música negra à noite, tinha o funk à tarde, tinha programa para as mulheres de manhã, tinha “saudade da roça” de manhã. Tudo com o objetivo de trazer a pauta dos desmandos do Fernando Henrique e colocar dentro da música. E esse era o nosso propósito. Também, o DJ. O dia que a Polícia Federal chegou lá como se fosse prender o maior bandido, foi feito um *teatro* na Cidade de Deus, com todo mundo encapuzado e tudo... e levaram o DJ da nossa rádio porque a gente já estava esperando uma retaliação, entendeu? E aí havia uma equipe que era coordenadora da rádio. O Adauto era o advogado e coordenador e eu. Olha só o absurdo: nós somos da Polícia Federal para soltar o Coisa e nos colocar como culpados (risos).

Mônica Francisco:

Qual era o nome da rádio, Cleo?

Cleonice Dias:

FM 102.3 Jacarepaguá... 103.3 Jacarepaguá. Acabou nesse processo. Aí aquele pessoal que ficou, que aprendeu tudo, eles abriram uma rádio fora da Cidade de Deus para a Cidade de Deus, entendeu? Com o mesmo objetivo. Depois fechado novamente. Porque eu acho que foi uma política de tirar a voz. Hoje, como é que está? Hoje está muito mais difícil, Mônica. E eu acho que para vocês entenderem o “hoje”, tem que entrevistar a Iara e o Carlos, que são pessoas que estão atuando hoje com todas as contradições do silenciamento que vem através do tráfico, da polícia e do próprio governo, entendeu? Mas hoje é muito mais difícil, porque está muito mais difícil falar. A gente se esgueira entre as possibilidades que nos permite ainda continuar vivos, sem mentira nenhuma. A gente tem que se esgueirar e ir construindo a luta sem fazer muito alarde. Portanto, não é mais a forma de publicizar, de dizer para a comunidade o que a gente está fazendo.

Está para ir o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro para a Cidade de Deus. O alemão já conseguiu e a Cidade de Deus é segunda (favela). Era a primeira favela que deveria conquistar. Mas por interesses do governo municipal, não foi. E agora a gente está sentindo que pode ir para a Barra da Tijuca. Nós estamos fazendo a luta, mas a gente não pode botar a boca no trombone. Porque se a gente botar a boca no trombone, vai ter a oposição dentro da comunidade

articulada pelo governo municipal, entendeu? Porque as forças de direita se organizaram, se estruturaram e também aprofundaram a sua ação, entendeu? Então assim... a gente colhe e a direita estufa o peito.

Mas eu já vi diversas situações na Cidade de Deus e digo que é sazonal. Tem época que a direita toma a frente, vai uma tal de Liga falar em nome da cidade de Deus, Uma liga, sabe? Aí a gente recolhe para não estar no mesmo lugar. Daqui a pouco eles se cansam porque não têm sustentação para fazer a luta do conceito do... sabe? De ter algo mais do que querer só o benefício ou dinheiro. E aí a esquerda volta novamente a frente. Eu já vivi isso em algumas situações na Cidade de Deus.

Mônica Francisco:

Isso te levou para a luta política? Para a organização partidária? Fala um pouquinho sobre isso. Filiação partidária, luta política institucionalizada, mas em diálogo com o território.

Cleonice Dias:

Não foi eu sozinha, né? Havia umas pessoas que já estavam filiadas no Partido dos Trabalhadores e foi uma decisão coletiva. Foi uma decisão coletiva de filiar, entendendo a limitação da luta dos movimentos comunitários, que precisariam estar num outro patamar. Se você quisesse fazer propostas de políticas públicas e ter a cumplicidade da execução, da disputa no Parlamento. Então, é... entendendo uma outra frente de lutas.

Então, isso foi um processo coletivo de filiação de mais gente. Depois entrou um padre na Cidade de Deus, que era muito conservador e contra a Teologia da Libertação, e ele acabou com todas as pastorais da juventude: a Pastoral do Negro, a Pastoral da empregada Doméstica, a Pastoral do Trabalhador. Esse povo todo veio pro PT. Todo veio pro PT. Porque tinha um... chegou um momento que eles também entenderam... isso aí já é no segundo momento, entendeu?

Agora eu quero te falar que eu nunca filiei ninguém. Eticamente, eu nunca usei a luta para filiar uma pessoa e convencê-la a ir para o partido político. Eu tenho orgulho disso. Tem gente que me cobra e diz que isso é errado. No meu ponto de vista, eu acho que não. Eu acho que não. Por quê? Porque quando a pessoa me procurava, eu falava “Eu quero!” Vai às instâncias do partido, ouça, converse e depois você decide. Eu fiz isso desde que eu me filiei, que foi em 1982, entendeu? E...

acho hoje que existem outras formas que também podem estar na construção da luta à esquerda, sem ser dentro do partido político.

Naquela época, o partido era um patamar novo, né? Contando que no Rio de Janeiro o PT nasceu e o Brizola era a liderança, né? E que a gente chamava de populista. Eu vivi algumas experiências para entender o que era populismo ali na pele com os moradores da Cidade de Deus. Mas a gente fez oposição a ele, né? Acho que o lugar que mais fez oposição ao Brizola por dizer as coisas e não executar a política no que a gente queria na época. Hoje eu avalio de uma outra forma. Hoje eu tenho uma compreensão do Brizola no momento político, diferente do que eu tinha. Eu não nasci pronta. Eu fui aprendendo, eu fui aprimorando... isso na minha luta pessoal, do meu aprendizado pessoal. No coletivo a gente também cometeu erros, mas nós fizemos coisas memoráveis contra,.. em oposição ao Brizola. Memoráveis!

Mônica Francisco:

Conta uma que você acha que foi incrível?

Cleonice Dias:

Incrível de sofrimento?

Mônica Francisco:

Ou não. Incrível de engraçado (risos).

Cleonice Dias:

Foi, minha filha. Porque eu apanhei tanto... (risos). Tudo que marcava para nós na Cidade de Deus era dia 15 ou dia 30. Os moradores é que davam as palavras de ordem. Então os moradores falavam assim: “Dia 30 são dois jacarés, 15, 15.” Então, foi feita uma passeata para a gente ir lá no palácio do governo no dia 30 com vários jacarés. Então os moradores construíram, desenharam vários jacarés porque eles marcavam ou dia 15 ou dia 30. E 15 é o número de jacaré. Então, quando era dia 30, os moradores falavam: “30. São dois jacarés (risos).” Então eles diziam que o Brizola só acumulava jacaré para nos atender. Então nós fizemos uma caminhada.

Aí, descemos lá em Botafogo. Não, não é em Botafogo, não é? É... Laranjeiras. Laranjeiras. E a

gente foi caminhando, tinha uns 300 moradores com criança, porque era só a gente que podia ir de dia. Então a maioria da mulher desempregada e as crianças. Nós fomos para o palácio. Minha querida, chegamos lá 13h00. Sentamos, tudo de protesto. Tudo sentado. Isso... eles que estavam dirigindo (risos). Passou um pouquinho, veio o chefe de gabinete: “Olha, ele está ocupado. Ele não vai poder atender vocês. Ele vai tentar resolver a questão depois. Mas ele mandou fazer um almoço para vocês. Vocês vão esperar um pouquinho. Vai ter arroz, feijão, bife, batata frita e suco de caju.” Eu não esqueço o suco nunca! Nunca na minha vida.

E o pessoal ficou sentado lá. Já virou um momento de alegria. O pessoal foi almoçar lá sentado. Teve morador que entrou três vezes na fila do pão. Ia colocar no pão e saía com três pães com mortadela, mais o almoço (risos)... voltamos para o ônibus e eu nunca apanhei tanto: Cleonice, é o homem! É Brizola! Brizola na cabeça (risos)!

A gente voltou e fez uma reflexão: isso é o populismo. Você pega o estômago, a fome, você pega a emoção, mas não consegue... não pega a cabeça. Então, isso é populismo: quando você, através da emoção...

Mônica Francisco:

Da necessidade urgente.

Cleonice Dias:

E da fome... da fome, você faz média com as pessoas. Aí eu entendi o que era populismo, que eu li e tudo, né... concretamente. Mas eu não esqueço disso (risos). Não esqueço. E eu não comi. Eu estava com fome, eu não comi de raiva (risos). E ó, das 1400 casas, num processo coletivo onde as mulheres construíram a casa, os estudantes da USP fizeram o projeto... A Seap pegou o projeto e adequou a questão técnica com 1500 moradias para resolver o problema da cidade na Cidade de Deus, ele fez só 250 até 85 que vinha a eleição. E o pessoal votou nele contente e acabou a luta das triagens, entendeu?

Mas a gente tinha um projeto de 1400 casas duplex para abrigar em cada duplex duas famílias e acabar... a triagem existe na cidade de Deus desde 1966. Eram vagões para fazer a triagem da condição do morador para ele ir para casa ou para o apartamento ou duplex. Está lá até hoje. Virou

moradia e tinha 17 metros quadrados. É que os moradores são absolutos e eles empurraram a casa para frente e para trás e acabou a rua, entendeu? Acabou rua. Não tem rua. Não passa mais nada lá. Eles ampliaram as casas.

Foi com esses moradores que nós fizemos a luta. Dessa luta, surgiram várias lideranças e um deles foi até para a FAPERJ, entendeu? Então assim, eu estou falando de liderança porque referência... vou te falar, é um grupo com conteúdo ideológico que não se aceita. Mas o Sérgio, ele que criava as palavras de ordem. A gente que está acostumado com a palavra de ordem parecendo estrofe de poesia “um, dois, três! Queremos casar já (risos).”

Mas com essa coisa “dois jacarés” do Sérgio. O Sérgio foi parar na direção da FAPERJ, entendeu? E sentava depois com a gente dominando todo o conteúdo de luta das favelas como um todo. Então saiu da cidade de Deus para lutar por todas as favelas. Isso é tão interessante, sabe?

Mônica Francisco:

Maravilhoso, gente. Eu queria que você falasse da relação com a juventude, né? Tanto nessa Cidade de Deus que você encontra negra, mulher, saúde precária, educação precária, mas também alegria, dignidade na pobreza ou nas diversas manifestações da pobreza, porque não era uma s...ó nessa luta de todo mundo, nesse acolhimento da referência do teu marido, da sua inserção na luta política, nas conexões para dentro, pra fora. E aí vamos fazer de novo o caminho de ida e volta pra falar da relação com os jovens, com as juventudes, porque são várias na favela, né? Queria que você falasse um pouco disso lá na década de 70 e agora.

Cleonice Dias:

Eu sou da juventude conservadora mineira dá dá dá... que casou virgem de marré de si e tal e... e que só tinha ou a igreja ou o pessoal de classe média, coisa ou pessoal *pobrão* mesmo, do lado de cidade que já morava nos morros, vai pra baile... e esse pessoal é muito vai pra baile (risos), vai pro baile do social, que era o lugar mais popular? E eu sou essa que tive que estudar. Então eu tenho uma marca do conservadorismo de não ter namorado, de tanto que precisava aprender, de não ter exercido a minha sexualidade, entendeu? Eu era capturada pelos valores conservadores da minha família e da sociedade e eu achava que isso era o que tinha que ser. Eu não questionava.

Você cai na Cidade de Deus e você percebe que tem meninas que são mães, que tem mulheres livres. Você encontra uma porção de coisas. Mônica, eu encontrei uma mulher que tinha feito quatro aborto na Rocinha. Não, 14 abortos na Rocinha. Vou falar o nome dela, não. Ela já faleceu. Mas eu ficava assim... entendeu? E essas coisas foram mexendo comigo, primeiro moralmente, com o resquício desse aprendizado que eu tive antes e depois passando a limpo, sabe? Eu fui passando a limpo, eu fui entendendo. E aí eu vi uma coisa na Cidade de Deus que os jovens tinham uma vontade de aprender porque só tinha uma escola de ensino médio e três escolas. Isso desde o início da Cidade de Deus foi assim. E eles tinham que sair quando não tinha vale transporte e enfrentando essa coisa da polícia, da dura, entendeu? E eles iam estudar.

Então essa juventude dessa insistência, dos quais eu convivi muito ali na luta, eles me ensinaram muita força. E eu fui convivendo com a juventude, porque também nas ONGs a gente trabalhava com a juventude. E quando você vai aprendendo junto, eles vão te dizendo a força que tem, os sonhos que tem, a vontade que tem... e você passa um pouco... e tem um outro papel, que é o papel de escuta, de estar junto, estimulando para que seja.

Quando eu vim pro dicionário, fui convidada nesse momento do dicionário, todo o processo, desde a disputa, a cidade, a favela e a cidade, eu me deparei com uma equipe jovem no dicionário, com uma capacidade, uma competência, sabe? E aí eu fiz a ponte com o pessoal lá da Cidade de Deus, que começou a estudar nos pré-vestibulares, sabe? Era só jovem que estava nesse movimento dos pré vestibulares para negros e carentes do padre Davi, porque lá começou assim. Depois é que vieram outros pré-vestibulares e aí eu fui fazendo a ponte dessa potência que tem aqui, com o que eu enxerguei. Nem tudo eu enxergava na época como valor, mas a memória, ela fica guardada. Você olha para o valor dos jovens que estão aqui no Dicionário, Você fala: “isso tem lá.” São outros conhecimentos, é outra linguagem, são outras abordagens, mas é conhecimento. Eles estão indo buscar.

Muitos foram para a universidade e voltaram. Muitos. É uma pena que a primeira aluna do pré-vestibular que foi para a PUC e que causou na PUC, que ela levava a marmita e comia no pátio, voltou para a Cidade de Deus, que é a Cilene, morreu, depois que ela ficou encurralada num tiroteio. Quando ela ia para uma reunião e o coração dela não aguentou esse sufoco. Mas era uma pessoa brilhante de jovem.

Eu sinto a juventude, com os 72 anos que eu tenho, uma força com uma outra competência necessária para os dias de hoje. Porque eles têm o domínio de conhecimento, têm... a maioria tem o pé no chão e têm militância. Isso faz a diferença, sabe? Eu conheci seu filho já com o discurso na luta, falando o filho do Itamar desde criança a jovem como referência. Os filhos dos colegas, sabe... os sobrinhos. Então eu pude perceber essa possibilidade que os jovens têm de captação. E quando eles, tendo a abertura para a tecnologia, passaram a dominar. Aí deixa a gente um pouco no chinelo. No sentido de ter possibilidade de um conhecimento que é para dominar e que eles vão poder fazer resistência. Eu acredito muito que a maioria dos jovens de favela organizados, diante dessa nova tecnologia que se impõe mais uma vez dentro de um projeto de neoliberalismo, ele possa não ser a dominação. Ele possa não ser. E eu vejo isso aqui no dicionário, entendeu? Se bem que encontro jovens que para mim são mais adultos pelo saber que tem, eles são mais adultos.

E aí eu acho que você é uma pessoa extremamente importante aqui, porque você tem a força e a garra e a vivacidade da juventude, mas você tem a maturidade que pode contrapor e trabalhar, entendeu? Não é só a Sônia, é uma mulher negra. E aí eu vou trazer uma outra coisa. Teve um dia aqui que o pessoal discutiu os meninos da coordenação se deveriam ter mais negros compondo a coordenação. E eu quero te dizer que eu fui contra, não contra os negros. Mas eu digo o seguinte: tem que ter mais favelados dentro da equipe, e se tiver mais favelados, certamente naturalmente serão na sua maioria negros. Estarão compondo, né? Porque significa um caminho dentro do Dicionário.

Mônica Francisco:

Mais que natural.

Cleonice Dias:

Natural e que não descarta o branco solidário. Porque a Sônia não é boba nem nada, colocou a discussão da branquitude.

Mônica Francisco:

O branco cúmplice (risos).

Cleonice Dias:

Isso. O branco cúmplice. Mas aqui o pessoal é cúmplice, entendeu? Então a Sônia promoveu e eu participei, e foi ótimo, um debate sobre branquitude no grupo de estudos. E isso é importante. Porque senão o negro chega com essa força toda e ele vai chegar tímido, por mais altivo que seja, entendeu? E até ele encontrar o espaço, como se as pessoas tivessem que dar. E não há de ser assim, entendeu? Então eu tenho uma visão de processo, porque eu tenho a visão político pedagógica das questões, entendeu? Então, eu gosto de estar nesse lugar do Dicionário para ser do Conselho Editor, eu fiquei meio desconfiada. Porque eu não tenho essa formação acadêmica, embora tenha passado na faculdade. Eu nunca escrevi nada na faculdade, nunca escrevi um texto. Só fazia redação. Então eu achava assim... mas hoje eu sei direitinho o papel do Conselho Editor e o meu papel dentro do Conselho Editor e junto com a equipe primeiro de aprender e depois de construir junto.

Mônica Francisco:

Caminhando para o final dessa entrevista, eu quero falar de lugares de memória da Cidade de Deus. E também dos objetos de memória que você trouxe. Vou pedir para o Gabriel trazer o livro para a Cléo que você quis... de tudo o que você trouxe ali, você separou esse livro, né? Que tem a ver com tudo o que você está falando desde o início. Educação em favela do Vala, que é uma das grandes referências na educação popular. Você é uma educadora popular. Você é a síntese da educação popular e isso está muito presente nessa entrevista. Então, eu queria que você falasse dos lugares de memória da Cidade de Deus. São, às vezes, lugares de dor também de memórias, da dor, de dor, lugares de memórias afetivas, de alegria e falasse desse objeto também por que você escolheu.

Cleonice Dias:

Tá. Tem uma busca hoje na Cidade de Deus. E é muito engraçado. Sabe, Mônica? A academia, ela vai estudando, vai evoluindo, vai trazendo alguns temas que reverbera na vida comunitária. Porque tem gente da favela que está na academia que traz, porque a gente está antenado e porque já era uma demanda, uma necessidade. Então, essa questão da memória que eu coloco, que é uma flecha na mão das mulheres, me desculpem os homens, é uma flecha na mão das mulheres. Tem que ir para trás, para trás, para alcançar o alvo mais distante. Então é isso. A questão da memória, da história e da construção de uma nova realidade.

Eu uso essa figura quando eu quero explicar a memória, a importância da memória para as pessoas, como atingir o alvo. Lá na Cidade de Deus há uma busca. Então o CEAC é o centro de histórias, memórias e tal. E cultura... e cidadania. O alfazendo tem... Fala aí, Cidade de Deus... já é na internet. Acolhe depoimentos. A história da Cidade de Deus, ela é diversa, Ela não é única e tem vários centros de memória que guardam a história, sabe? E a gente nunca conseguiu fazer algo que juntasse tudo.

Mas eu acho que a Cidade de Deus, ela é assim, ela não é partida. Ela é repartida. Porque ela nasceu para nunca se unir. Foram cinco grandes favelas e 67 pequenas favelas que eles juntaram, rompendo com toda a questão afetiva. O fato de eu ter me debruçado com um grupo para estudar essa origem, é que a gente entendeu as dificuldades de mobilização. E que nós podemos traçar objetivos e metas para mobilizar os moradores. Não dava para juntar todo mundo porque eles foram separados.

Então a gente começou a fazer reunião por quadra. Então esse movimento da memória, ele existe, está guardado com várias pessoas. Houve uma tentativa nossa de fazer a síntese, sabe, de escrever. E tem mais grupos voltados para isso. Aí eu vou trazer o Vitor Vala. O Vitor Vala, eu não conheci há muito tempo, não. Mas quando eu comecei a ler o Vitor Vala, e ele diz: favela e educação, que ele foi descrevendo os processos. Eu dizia assim: “isso aqui a gente viveu. Isso aqui a gente viveu. Isso aqui a gente viveu. Isso aqui...” E eu eu falei “Que homem que consegue traduzir!” Aí eu fiquei sabendo que ele não fez sozinho. Que foi com o grupo, também, e ele conseguiu fazer um ensaio a partir dessa pesquisa.

E aí eu vi uma coisa: o que é o intelectual orgânico, que muita gente me olha e me dão apelido disso. “Ai, a Cleonice é intelectual orgânica.” Ah, tá bom. A gente sabia dessas coisas sem ter passado por essas pesquisas, sem ter passado pela academia. Pelo simples ato de enfrentar a realidade, ler a realidade, interpretar com o desafio de uma utopia. Nós temos conhecimento, nós produzimos o conhecimento como qualquer favela. Basta pensar no que está acontecendo com uma perspectiva de transformação.

Também não é qualquer pensamento, entendeu? Tem que ter essa perspectiva. O Vitor Vala

mostrou que a gente sabia de muita coisa sem ter estudado essas coisas aqui. Então ele é um livro que diz assim: “você estavam, estiveram e poderão estar no caminho certo.” O caminho certo. Ação, Grupo de Estudo, Reflexão, Planejamento, Avaliação. Entendeu? Enxergar os erros. Esse processo: replanejamento.

Mônica Francisco:

Bom, para finalizar. O que é favela para você? Quando você pensa que favela: o que é favela?

Cleonice Dias:

Caramba! Por que você deixou... (risos).

Mônica Francisco:

Não... (risos) é simples para você essa pergunta.

Cleonice Dias:

Ah, Mônica!

Mônica Francisco:

O que é favela? Qual seu sonho para a favela? Pronto, fica mais simples assim?

Cleonice Dias:

Fica mais complicado. Porque primeiro, como assim? A Cidade de Deus não é uma só? E quando a gente fala “a Cidade de Deus”, você está falando de um campo, mas não está falando de todo mundo e todo mundo precisa se expressar? As favelas não são iguais. Têm histórias, tem seu tempo diferente, tem seu acúmulo diferente, tem a sua ligação com a academia diferente, que faz a síntese diferente. O que é favela para mim, hoje, eu posso afirmar com toda a força da minha vida... é o lugar da potência, com uma proposta de vida experimentada da solidariedade, de saber lidar com o medo, com as contradições e as dominações. É permeada pela alegria. Por pessoas que, para se manter saudáveis, tem que ter a força da esperança. Tem que acreditar na esperança.

Então, para mim, a favela hoje é o espaço da humanização. Mesmo sem os direitos. E que propõe para a sociedade, a possibilidade de uma nova forma de viver a partir das experiências. A favela

é, para mim, o espaço da insurgência de alguns grupos que vislumbram adiantar o processo da utopia, criando utopias ou identitárias ou comunitárias, de uma nova forma de viver, de não submissão. A favela é disputa constante, e a construção da cidade. A favela é vida. A favela é esperança.

Mônica Francisco:

Qual o seu sonho para a favela?

Cleonice Dias:

Ah, é muito simples. É muito simples e ao mesmo tempo complicado. Que a sociedade, junto com a favela, consiga a transformação na própria sociedade, refletindo no Estado, na polícia. Que respeitem os negros. Na sua dignidade por causa da luta. E não os criminalizem porque eles lutam de várias formas, de forma organizada, na forma do momento, da revolta. Então, meu sonho é que os meninos e as meninas pretas não sejam eliminados mais.

É simples dizer isso, mas é muito complicado o que está por trás disso. Porque é um projeto de sociedade. Esse é meu sonho. Mais que elas se mantenham melhorando naquilo que cada um acha que deve melhorar para que as pessoas possam viver com dignidade.

Mônica Francisco:

Qual é o seu sonho? Para a Cleonice?

Cleonice Dias:

O meu sonho é... (risos), meu sonho está ligado a relações universais. O meu sonho está ligado ao país. O meu sonho está ligado ao território imediato. O meu sonho está ligado à minha família. O meu sonho está ligado a minha neta, de vê-la crescer. O meu sonho está ligado a vocês, que é o mesmo sonho que todo mundo tem. De poder continuar lutando para que todos possam ser felizes. A felicidade é um lugar que a gente tem que alcançar, que é diferente da alegria, que é diferente de celebrar, entendeu? Quando ela é coletiva.

Então, o meu é nosso. Não tem mais jeito. Não sou mais só eu, não tem mais jeito. Nunca foi porque eu comecei com nove irmãos. Eu não comecei sendo filha única, segunda, terceira e isso

continua. Eu sou capaz de tratar com maior respeito aquelas pessoas que pensam o contrário de nós. Acho que isso me traz uma possibilidade que as pessoas falavam assim “Isso é carisma.” Isso não é carisma, não. Isso é uma postura. Você respeita. Você não precisa ser por... nem nada, mas você acolhe. E, se puder, mexe. Então o meu sonho é esse, sabe? Tratar as pessoas, acolher as pessoas para um projeto maior.

Mônica Francisco:

Obrigada, Cleonice! Obrigada por tudo. Pela sua luta, por ser quem você é. Essa referência para nós, tanto aqui no Dicionário quanto na história e na jornada dos favelados e faveladas aqui do Rio de Janeiro. Obrigada.